

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

DAYANI CRISTINA FERREIRA LOPES

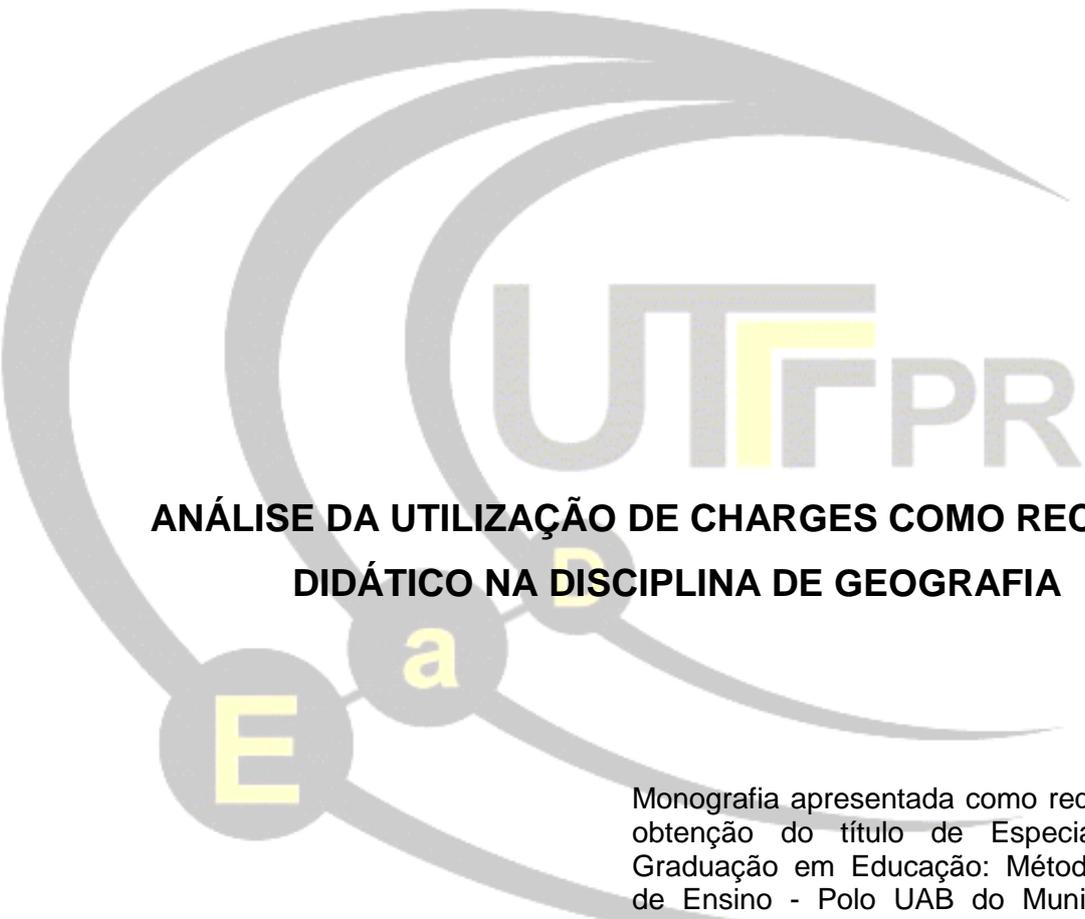
**ANÁLISE DA UTILIZAÇÃO DE CHARGES COMO RECURSO
DIDÁTICO NA DISCIPLINA DE GEOGRAFIA**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2014

DAYANI CRISTINA FERREIRA LOPES



**ANÁLISE DA UTILIZAÇÃO DE CHARGES COMO RECURSO
DIDÁTICO NA DISCIPLINA DE GEOGRAFIA**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo UAB do Município de Nova Londrina, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

Orientador: Prof. Me Henry Charles Albert David
Naidoo Terroso de Mendonça Brandão

MEDIANEIRA

2014



TERMO DE APROVAÇÃO

Análise da utilização de charges como recurso didático na disciplina de Geografia

Por

Dayani Cristina Ferreira Lopes

Esta monografia foi apresentada às..... h do dia..... **de..... de 2014** como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo de Nova Londrina, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho

Prof^a. Me.
UTFPR – Câmpus Medianeira
(orientadora)

Prof Dr.
UTFPR – Câmpus Medianeira

Prof^a. Me.
UTFPR – Câmpus Medianeira

Agradeço a Deus pela oportunidade apresentada, ao meu orientador, tutores presenciais e a distância que tiveram paciência e dedicação. Aos meus pais que sempre me incentivaram à continuar os estudos e sua força transmitida.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelas portas abertas que me permitiram esta oportunidade, assim como a coragem para vencer os obstáculos e perseverança para concluir a pós-graduação.

Aos meus pais, pela orientação e incentivo para continuar com os estudos e me especializar, e pelos seus esforços para que eu não passasse pelas mesmas dificuldades que eles tiveram em sua juventude, sendo os meus pilares nessa jornada.

Ao meu orientador professor Me Henry Charles Albert David Naidoo Terroso de Mendonça Brandão pelas orientações ao longo do desenvolvimento da pesquisa e sua paciência.

Agradeço aos professores do curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, professores da UTFPR, Câmpus Medianeira. Agradeço aos tutores presenciais e a distância que nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para a realização desta monografia.

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. (PAULO FREIRE)

RESUMO

LOPES, Dayani Cristiana Ferreira. Análise da utilização de charges como recurso didático na disciplina de Geografia. 2014. 37. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

Os métodos de ensino têm se desenvolvido para adaptar-se às novas realidades da sociedade e do cotidiano do aluno, na busca de melhorar a qualidade de ensino. As técnicas tradicionais pouco eficazes necessitam de serem substituídas, como na disciplina de Geografia, onde técnicas de memorização, nomenclaturas, fragmentação de dados, etc. persistem no meio educacional, deixando as aulas monótonas aos alunos. Para isso, entre os recursos didáticos propícios ao desenvolvimento educacional em Geografia, as charges são uma das alternativas presentes, abordando temas recentes e do cotidiano de forma crítica e humorística. Desta forma, objetivou-se analisar os aspectos positivos no uso das charges através da coleta de dados bibliográfico de trabalhos realizados sobre o tema pertinente. Percebeu-se que este recurso é um elemento favorável à troca de conhecimentos e a interação entre alunos e professores devido ao aspecto interpretativo disponível no mesmo, assim como permite a ligação do conhecimento cotidiano com o científico, favorecendo a construção da aprendizagem significativa. Entretanto, as charges são pouco utilizadas no meio didático, refletindo nos poucos trabalhos científicos encontrados sobre o tema, e que em sua maioria são recentes. Por esta via, também buscou-se apontar quais seriam os aspectos negativos na utilização mal planejada das charges, e que outros motivos possam ser encontrados para que este recurso textual seja pouco empregado em sala de aula. A falta de tempo por parte dos professores, informações errôneas e/ou fixação de práticas tradicionais são alguns possíveis motivos encontrados. Porém, percebeu-se que o uso das charges tem ganhado espaço no meio didático, devido às maiores vantagens apresentadas.

Palavras-chave: Aprendizagem significativa; Leitura textual; Contemporaneidade.

ABSTRACT

LOPES, Dayani Cristiana Ferreira. Analysis of the use of editorial cartoons as a didactical resource in the discipline of Geography. 2014. 37. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

The teaching methods have developed to adapt the new realities of society and the student's daily life, in the pursuit to improve the quality of education. The ineffective traditional techniques need to be replaced, as in the discipline of geography, where memorization techniques, nomenclatures, data fragmentation, etc. persists in the educational environment, making class lessons monotonous to students. For this, among the didactic resources propitious to educational development in geography, the editorial cartoons are an actual alternative, addressing recent and daily topics in a critical and humorous way. Thus, had as purpose to analyze the positive aspects in the use of editorial cartoons via bibliographic data gathering from work performed on the relevant topic. It was noticed that this resource is a favorable element for the exchange of knowledge and the interaction between students and teachers due to the interpretative aspect available in it, as it enables the connection of everyday knowledge with the scientific, favoring the construction of meaningful learning. However, the editorial cartoons are rarely used in the didactical environment, reflecting in the few scientific work found on this subject, and who mostly are recent. In this way, was also sought to point out which would be the negative aspects in the poorly planned use of editorial *charges*, and what other reasons can be found for this textual resource to be not often used in the classroom. The lack of time by part of the teachers, misinformation and/or fixation of traditional practices are some of the possible reasons found. However, it was noticed that the use of editorial cartoons has gained ground in the didactic environment, due to the higher advantages presented.

Keywords: Meaningful learning; Textual reading; Contemporaneity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Charge sobre a crise econômica no Japão	28
Figura 2 – Charge sobre o desmatamento no Brasil	29
Figura 3 – Charge sobre as queimadas na Floresta Amazônica	29

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	13
3 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	14
3.1 GEOGRAFIA ESCOLAR E ALGUMAS PROBLEMÁTICAS PEDAGÓGICAS ..	15
3.2 CONCEITO DE CHARGE	19
3.2.1 A história da charge no Brasil.....	20
3.3 CHARGE COMO RECURSO DIDÁTICO EM GEOGRAFIA	21
3.3.1 Alguns obstáculos no uso das charges	26
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS.....	35

1 INTRODUÇÃO

A escola, como ambiente de transmissão de conhecimento para a formação de cidadãos, tem apresentado muitos problemas no processo de ensino-aprendizagem. Entre eles, encontra-se a falta de motivação dos alunos em aprenderem certos conteúdos, por acharem inúteis para o seu futuro. As técnicas de ensino tradicionais, como a memorização, o uso apenas do livro escolar, o pouco estímulo para práticas reflexivas e críticas, também são fatores que desestimulam os alunos. A falta de interesse reflete nas notas insatisfatórias que podem levar à reprovação, sendo esta uma das causas da defasagem escolar por idade/série.

A visão do professor de que o aluno é como um “livro em branco”, disponível para a introdução do conhecimento histórico-científico já se tornou ultrapassado. Durante seu crescimento, o indivíduo esteve armazenando experiências e informações do cotidiano que no qual podem ser lapidados na escola. Desta forma, o processo de ensino-aprendizagem constitui na transmissão do conhecimento curricular interligado com o conhecimento já adquirido pelo aluno.

Da mesma forma que as demais disciplinas, a Geografia também apresenta problemas no processo de ensino-aprendizagem, como: sustentar os métodos tradicionais de memorização de dados; o ensino de conteúdos do território nacional sem levar em consideração a realidade regional vivida pelo aluno; a própria desmotivação dos professores em ensinar e a sua falta de atualização, sendo esta contribuinte para a alienação do professor pelas classes dominantes.

A carência de novas técnicas de ensino acarreta na desvalorização da disciplina de Geografia entre os educandos, sendo classificada como uma disciplina monótona, entediante, sem utilidade para os próprios alunos. Apesar de a Geografia Moderna objetivar o estudo das relações do homem com o meio, ainda apresenta métodos rudimentares, fragmentando as informações, na qual impedem a compreensão das relações complexas presentes no espaço.

Na busca de melhorar a dinâmica educacional e trazer novidades para a sala de aula, o professor de Geografia pode fazer uso de notícias de jornais, revistas, filmes, documentários, propagandas, trabalhos em campo, quadrinhos, músicas, etc. Estes são recursos didáticos que facilitam a aprendizagem ao envolver o aluno com

o tema trabalhado e que podem aproximar o conhecimento científico da realidade do meio em que vivem, proporcionando uma aprendizagem significativa.

Outra ferramenta diferenciada que pode ser introduzido nas aulas são as charges, um gênero textual que tem conquistado leitores de diversas idades ao se introduzir no meio virtual, além dos jornais. Esse recurso didático pode ser um estimulante para a prática da leitura, por transmitir suas ideias de forma agradável através do senso humorístico. É interessante o auxílio das charges em Geografia, pois abordam temas atuais relacionados com a política e a sociedade de forma crítica, assim como apresentam um espaço geográfico global e regional, possibilitando uma aprendizagem dinâmica que estimule a reflexão.

Desta forma, o presente trabalho tem como objetivo fazer uma análise sobre a importância da utilização das charges como recurso didático na disciplina de Geografia, através de levantamento bibliográfico sobre o tema pertinente. Por meio dos resultados obtidos dos demais trabalhos, realizou-se a consolidação da importância e as limitações que possam ser encontradas com a utilização das charges em sala de aula. Com isto, apesar dos resultados positivos, são necessários alguns cuidados que devem ser adotados pelos professores, para que seus objetivos sejam alcançados.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

O projeto desenvolveu-se através da análise de trabalhos científicos sobre a utilização da charge como recurso didático na disciplina específica de Geografia. Sendo assim, fez-se uso de trabalhos realizados em PIBID, monografias e artigos de revistas eletrônicas, onde abordava-se o tema.

A revisão teórica descritiva visa analisar e comparar os resultados encontrados pelos autores na utilização das charges em sua ação didática. Houve a utilização de pesquisas práticas realizadas com alunos do ensino fundamental, empregando as charges como complemento em diversos temas abordados pela disciplina de geografia, assim como pesquisas comparando o desempenho de turmas de mesma série, mas estudando em escolas diferentes, e trabalhos descritivos sobre o tema.

Apesar dos autores destacarem os fatores positivos na contribuição das charges na aprendizagem, alguns pesquisadores apontam para cuidados relevantes na seleção e utilização desse recurso. Esses fatores são igualmente importantes quanto seus aspectos positivos, proporcionando a complementação das informações apresentadas para este projeto.

Desta forma, buscou-se apontar:

- Quais as contribuições na utilização das charges no ensino da disciplina de Geografia;
- Quais aspectos devem ser levados em consideração na escolha das charges a serem utilizadas;
- Que tipos de limitações podem ser apresentados por esse recurso didático;
- Apesar das várias vantagens no uso das charges no ensino escolar, que possíveis obstáculos são apresentados para que esse recurso seja pouco utilizado em sala de aula;

3 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Devido ao processo de globalização, a Geografia tem obtido maior importância no espaço escolar. Esse fato ocorre devido às possibilidades da ciência analisar as mudanças recentes do espaço decorrentes da atuação humana. Desta forma, a disciplina tem o papel de analisar o perfil social em que as crianças fazem parte, e compreender o dinamismo do espaço de forma histórica, política e social (STRAFORINI, 2006). Entretanto, a disciplina de Geografia ainda tem embasamento nos métodos tradicionais de ensino, utilizando-se de técnicas descritivas e de memorização, dificultando a compreensão das relações humanas com o meio e da própria realidade vivida pelo estudante, favorecendo a repulsa da disciplina por alguns alunos, considerando-a como monótona (SILVA; SILVA, 2010).

De acordo com Straforini (2006), 32% dos alunos pesquisados alegaram não gostar de Geografia. Um dos motivos é à associação da matéria com a memorização de dados, e pela falta de valorização dos conhecimentos transmitidos nas aulas de geografia por serem vistos como inúteis no cotidiano dos indivíduos. Esse fato acontece principalmente pela falta de ligação do conteúdo estudado com as experiências e o ambiente de interação dos alunos (STRAFORINI, 2006).

Necessitando transpassar os métodos tradicionais, Ross e Lindino (2013) argumentam sobre a importância de desenvolver a geografia escolar, formando cidadãos que estejam cientes das múltiplas relações presentes no espaço, compreendendo o mundo em que vivem, tanto em âmbito local quanto no global, de forma reflexiva e crítica. Para isso, é necessário que o professor seja inovador para o desenvolvimento do ensino de qualidade, proporcionando a inclusão do sujeito no universo cultural, permitindo o crescimento do mesmo como indivíduo (ROSS; LINDINHO, 2013). Outros autores também alertam sobre a necessidade dos professores de buscarem novos métodos para que a disciplina não se torne monótona e desprazerosa, apontando as charges como um recurso didático propício para melhorar o desenvolvimento das aulas (ALVES, PEREIRA, CABRAL, 2013; ROSS, LINDINO, 2013; MEIRELES, VILAR, 2013).

3.1 GEOGRAFIA ESCOLAR E ALGUMAS PROBLEMÁTICAS PEDAGÓGICAS

O ensino de Geografia passou por várias alterações metodológicas com o intuito de acompanhar as mudanças sociais e políticas do espaço. Essas adaptações e mutações no pensamento geográfico criaram recentemente “a ideia de que há uma transição da geografia escolar tradicional — descritiva, mnemônica, compartimentada — para uma geografia escolar crítica” (VESENTINI, 2008, p. 32). Entretanto, a disciplina ainda apresenta vestígios de métodos tradicionais que pouco favorecem a aprendizagem e colaboram com os problemas apresentados atualmente, como a memorização de nomes de rios e suas extensões, regiões naturais, localidades geográficas, altitude do pico de montanhas, estruturas geológicas e morfológicas, países e suas capitais, etc., de forma imutável e paralela uma das outras. Essa problemática foi analisada por Rego (2011) através de citações de autores, de diferentes épocas, que apontavam esse problema no ensino de geografia no Brasil, e salientou:

“O que se pode perceber é que os problemas metodológicos apontados (conteúdos descritivos, metodológicos, nomenclaturas como conteúdos, etc.) se repetem historicamente, são continuidades que teimam em permanecer nas salas de aulas de geografia.” (REGO, 2011, p. 16)

Tais temas geográficos não devem ser eliminados da disciplina, mas carece de técnicas metodológicas que não priorizem a memorização de dados e nomenclaturas, ou seja, é necessário utilizar técnicas de ensino que favoreçam a aprendizagem crítico-reflexiva, tornando o processo de ensino verdadeiramente significativo para o aluno. Mas o que seria uma aprendizagem significativa? De acordo com Oliveira (2009), para

“Desenvolver a *significação* não é simplesmente listar uma série de conclusões formais relacionadas ao objetivo de estudar. É fundamental reconstruir o objetivo, assumir a dimensão do sujeito e comprovar o potencial científico do fazer geográfico na escola.” (OLIVEIRA, 2009, p. 79)

Sendo assim, os objetivos propostos sobre os temas geográficos não serão os mesmos para todas as turmas/escolas, se adaptando ao espaço em que tais informações serão inseridas, buscando interligá-las. Para isso, “o processo de construção do conhecimento acontece de forma correlacionada com a aprendizagem prévia” (DAMBROS; CASSOL, 2011, p. 3), pois cada indivíduo apresenta

conhecimentos diferentes, adquiridos durante sua interação com a família, a sociedade e os meios de comunicação. Estas informações são a base para a construção do conhecimento significativo, aperfeiçoando-os, recriando e desmistificando-os pelas informações específicas. Este processo é importante, “pois as experiências carregadas por cada educando são essenciais para que a apreensão de conteúdos ocorra efetivamente” (DAMBROS; CASSOL, 2011, p. 3). Alegro (2008) também apontou para as vantagens da aprendizagem significativa, na qual permitem:

“[...] maior diferenciação e enriquecimento dos conceitos integradores favorecendo assimilações subseqüentes; retenção por mais tempo, redução do risco de impedimento de novas aprendizagens afins; facilitação de novas aprendizagens; favorecimento do pensamento criativo pelo maior nível de transferibilidade do conteúdo aprendido; favorecimento do pensamento crítico e da aprendizagem como construção do conhecimento.” (PONTES NETO, 2001; ALEGRO, 2008, p. 26)

E para desenvolver a significância da aprendizagem, necessita-se de métodos diversificados dos tradicionais pautados na aprendizagem mecânica, isto é, nas práticas de memorização. De acordo com Alegro (2008), a “aprendizagem mecânica é concebida como aprendizagem de novas informações com pouca ou nenhuma associação a conceitos relevantes existentes na estrutura cognitiva”. Entretanto, a aprendizagem mecânica nem sempre pode ser substituída, havendo diferentes graus na introdução da aprendizagem significativa. Sendo assim, o mais adequado seria compatibilizar o máximo possível do conhecimento científico com os conhecimentos prévios, apesar deste método não ser possível em todos os momentos (ALEGRO, 2008).

Ainda levando em consideração a importância do ensino de qualidade através da apreensão das informações de forma clara, crítica e desfragmentada para o aluno – já que ao memorizar uma informação, não denota que o aluno compreenda seu real significado –, Rego (2011) descreveu que:

“O ensino de geografia deve acreditar que a construção do conhecimento se faz pela compreensão dos processos e não pela enfadonha e acrítica forma *classificatória em hierarquias espaciais e marcadores temporais*. [...] Compreender os processos, por sua vez, é tomar por base a análise objetiva, aprender o conjunto das conexões internas, com seus conflitos, sua gênese, seu desenvolvimento e suas tendências; os movimentos como unidade dos contrários; tudo está ligado, constituindo uma complexidade.” (REGO, 2011, p. 34)

Desta forma, o ensino de geografia não deve ser baseado apenas nas características físicas do espaço, mas é necessário uma análise dos fatores históricos que acarretam no presente perfil do espaço geográfico e seu conteúdo, isto é, compreender “o passado à luz do presente e o presente em função das transformações sociais, de um novo futuro” (REGO, 2011, p. 34), levando em consideração o homem como agente transformador da natureza e sujeito de novas mutações. O autor também apontou sobre a necessidade da abordagem nas escolas das complexidades presente nos diferentes espaços temporais, pois acredita-se que haja a insatisfação sobre as práticas pedagógicas estabelecidas. Portanto, a escola deve reaprender a complexidade, dando ênfase nas informações obtidas do cotidiano, na troca de experiências, nas diversidades culturais, etc. (REGO, 2011).

Esta adaptação nos métodos didáticos, visando interligar o conteúdo científico com as experiências adquiridas pelo aluno é de grande relevância, pois, de acordo com Nunes (2004), a aprendizagem não deve ser vista como uma forma de “ajustar o aluno ao meio, e sim produzir conhecimento sobre o meio para realizar críticas com vistas a contribuir com propostas melhorativas para o lugar em que se vive”. Logo, “a escola não pode desconhecer as condições concretas de vida de seus alunos, pois essas são os ‘panos de fundo’ dos diversos projetos de vida, os quais devem ser considerados no espaço escolar” (NUNES, 2004, p. 156).

Na prática pedagógica, objetivando a aprendizagem sobre os diferentes agentes e ações presentes no espaço de interação dos alunos, deve-se levar em consideração que

[...] o professor – e o livro didático – não é um guia ou um instrumento de conscientização nos moldes leninistas, mas sim um orientador que auxilia o diálogo do aluno com a realidade e, ao mesmo tempo, com o saber corporificado em obras culturais. [...] deve-se enfatizar a produção de saber na prática educativa, a criatividade na observação do real, na interpretação crítica de textos.” (VESENTINI, 2007. p 172 – 173)

E para a instrumentalização das aulas, com o intuito de alcançar essa complexidade presente no espaço geográfico, o professor pode, além do uso de mapas, globos, e do livro didático, utilizar de gêneros textuais (notícias de jornal ou revista, histórias, letras de músicas, poemas, etc.) através da leitura, interpretação e relações com outras situações; confecção de maquetes e cartazes; criação de

histórias em quadrinhos; produção de artes grafitadas para a expressão espaço temporal; análise de filmes e documentários, entre outros.

De acordo com o Caderno de orientação didática de geografia da Secretaria Municipal de Educação-SP (2006, p. 23), também aponta-se sobre a importância do professor como mediador dos diversos gêneros textuais e o aluno. Isto é,

“O professor tem de saber distinguir as várias possibilidades de leitura, contribuindo para o desenvolvimento da capacidade do aluno de interpretar e compreender os significados de diferentes textos para que ele possa ler o 'mundo com outros olhos' e produzir conhecimento. Ao incentivar as possibilidades de diálogo com o texto, o que implica utilizar a palavra lida/escrita para refletir e interagir com as distintas práticas sociais, o professor desenvolve as capacidades do leitor como um todo, o que concorre para a formação do gosto pela leitura.” (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 2006, p. 24)

Não apenas a leitura de textos verbais, mas a leitura de imagens, de mapas, gráficos, fotos, as charges – entre outras formas de textos não-verbais, são importantes para o desenvolvimento interpretativo dos alunos. Para que haja a mediação do professor, é necessário que este defina os objetivos a serem alcançados e pontue os conhecimentos prévios dos docentes de forma que possa relacionar com o novo tema abordado pelo gênero textual utilizado (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO MUNICIPAL, 2006).

Também é importante mencionar que mesmo através dos meios de comunicação, que facilitam a transmissão de informações, seja na televisão, jornais, revistas e na internet, muitas informações se apresentam-se fragmentadas ou absorvas em ideologias. Desta forma, é importante “[...] aprofundar e relacionar o que pretende-se estudar, pois traz-se informações geográficas que podem estar distorcidas” (MENDES; FONSECA, 2010, p. 5). Assim, não apenas o professor deve estar atento às informações propagadas pela mídia, mas os alunos também, isto é

“Surge a importância de ensinar os estudantes a estabelecer distâncias críticas com o que é transmitido e veiculado pelos meios de comunicação, ou seja, não aceitar tudo de forma pronta, estática e sem discussão. O estudante pode assim perceber a Geografia nos aspectos políticos, econômicos, ambientais e sociais, o que leva o aluno a perceber a geografia no cotidiano.” (MENDES; FONSECA, 2010, p. 5)

Para a aproximação da geografia escolar, como visto, é de grande importância o planejamento do professor e sua função mediadora, levando em consideração o espaço vivido pelo aluno e seu conhecimento prévio para ligá-lo com o conteúdo científico, fazendo com que o processo de ensino-aprendizagem se

concretize e se torne significativo para o mesmo. Nesse processo o professor deve inovar, criar e recriar mecanismos de aprendizagem, ultrapassando os limites geográficos tradicionais, enfadonhos e pouco atrativos aos alunos. Entre esses recursos, a charge é uma das opções disponíveis aos professores para complementar as aulas de dinamizá-las.

3.2 CONCEITO DE CHARGE

De acordo com Arrigoni (2011), a maior parte dos autores diferenciam as charges dos cartuns e das caricaturas. Para Betiati (2008) as charges e cartuns, apesar de serem tipos de “textos visuais, humorísticos e opinativos” (BETIATI, 2008, p. 4), apresentam diferenças que são percebidas através do seu uso.

As charges, por via de suas formas ilustrativas, transmitem significados ideológicos e críticos. De acordo com Arrigoni (2011, p. 2062), normalmente são compostas por uma imagem ou foto, que abordam fatos e acontecimentos recentes “ou que ainda esteja em evidência”, de forma crítica e humorística, sendo introduzido, ou não, diálogos nas figuras. Logo, “a charge busca uma apreensão do real, diferentemente da caricatura e do cartum” (ARRIGONI, 2011, p. 2063) e tem por objetivo representar um acontecimento que o chargista acredita ser de conhecimento do público, para que, assim, possa ser interpretada a mensagem transmitida nas ilustrações e/ou diálogos inseridos.

Pela charge transmitir acontecimentos e ideias de forma explícita e implícita em suas ilustrações e pequenos diálogos, sua compreensão

“[...] depende da pertinência do autor e do leitor na construção e reconstrução do significado. Como texto humorístico, joga com a ambigüidade da linguagem, com o absurdo da situação e até com a ilogicidade. Obriga o leitor a realizar associações, buscando informações extratextuais. Pressupõe um leitor constante que reconheça nas caricaturas os sujeitos evocados e, no traço sintético, os fatos ocorridos, capaz de estabelecer relações e realizar inferências para chegar ao sentido.” (GUENO, 2008, p. 7)

Percebeu-se com isso, que a charge apesar de parecer inicialmente uma leitura simples, na verdade traz consigo uma bagagem rica de conhecimento sobre os acontecimentos presentes na política e na sociedade, transmitindo sua ideologia

ou crítica. Desta forma, um leitor desinformado, que não possua o conhecimento sobre a realidade tratada na ilustração, teria dificuldade em captar a mensagem trazida pela charge. Arrigoni (2011) apontou que para a interpretação das charges, é necessário o entendimento do assunto e do contexto inserido, pois o sentido das charges podem variar de acordo com o período histórico-geográfico e social. Para facilitar a interpretação das charges em jornais e revistas, de acordo com Gueno (2008), atualmente é utilizado manchetes visuais para a criação de charges posteriores, criando uma ligação com outros textos ou fotos, “intensificando e até ridicularizando a cena ilustrada” (GUENO, 2008).

3.2.1 A história da charge no Brasil

No Brasil, as charges chegaram através da migração europeia, no século XIX. O teor humorístico foi introduzido há crítica no final do período monárquico, “por radical oposição à política imperial, tendo como alvo as crises institucionais da segunda metade do século XIX” (GUENO, 2008, p. 6-7). Tendo como objetivo produzir a reflexão e conscientização dos leitores sobre os acontecimentos políticos, o principal chargista brasileiro no período da Monarquia foi o italiano Ângelo Agostino (GUENO, 2008).

As charges podem ser vistas não apenas como transmissoras de informações pertinentes à sociedade sobre a política, economia, sociedade, educação, meio ambiente, etc. de forma humorada e satírica, mas como um elemento de persuasão, objetivando que o leitor extraia a conclusão dada sobre determinado fato exposto pelo chargista, como expresso por Selbach (2008), onde a charge

“Caracteriza-se como prática discursiva e ideológica, podendo ser tratada como instrumento de persuasão, que influencia no processo de definições políticas e ideológicas do leitor através da sedução pelo humor e que cria sentimento de adesão, que pode culminar em mobilização. A finalidade da charge do jornal é justamente expor ludicamente uma idéia, dissertar sobre determinado tema de interesse do jornal.” (SELBACH, 2008, p. 1318)

As críticas, principalmente nas questões políticas, e seu poder persuasivo sobre os leitores, estimulando manifestos, são alguns dos motivos que geraram a repressão política sobre a ação de chargistas. Entretanto, apesar da coerção, esse

recurso se tornou popular, mantendo-se até o presente momento (ALVES; PEREIRA; CABRAL, 2013), seja pelos temas tratados nas obras ilustrativas que envolvem o meio vivido pelos leitores alvos, pelo aspecto cômico e satírico, pela acessibilidade e adaptação às mudanças sócias e tecnológicas, pela forma de leitura agradável, ou demais motivos que possam ter para ter se mantido entre os objetos de leitura.

Desta forma, a característica principal da charge é seu aspecto crítico-político, no qual “pode ir muito além da simples representação de algum fato ou personagem, pois pode revelar, denunciar, aos olhos do desenhista, toda uma estrutura de dominação” (ARRIGONI, 2011, p. 2069), enquanto que o humor foi introduzido para apresentar contradições sobre a realidade tratada, e ao mesmo tempo, amenizar a crítica sobre as classes dominantes, podendo ser tolerado (ARRIGORI, 2011). Como recurso didático, de acordo com Mendes e Fonseca (2010), foi evitada sua utilização em sala, até a década de 60, pois, pais e professores acreditavam que as charges fossem uma forma nociva de leitura para os jovens. Mas com a “diversificação da linguagem, sua análise permitiu entre outros aspectos a reflexão, imaginação e criatividade, dependendo, todavia, do conhecimento e capacidade de compreensão dos alunos” (MENDES; FONSECA, 2010, p. 4).

Atualmente o público alvo não se manteve apenas entre os adultos, isto é, de acordo com Alves, Pereira e Cabral (2013) devido à propagação desse gênero pela internet, não se mantendo apenas nos jornais, as charges apresentaram maior acessibilidade, conquistando novos leitores entre as diversas faixas etárias.

3.3 CHARGE COMO RECURSO DIDÁTICO EM GEOGRAFIA

No mundo tecnológico onde a interatividade prevalece e seduz a atenção das crianças e adolescentes através dos meios tecnológicos de comunicação, o professor precisa de recursos e técnicas para trazer de volta a atenção e curiosidade dos alunos para a sala de aula e os temas trabalhados. Além disso, com o processo de globalização, que proporciona a rápida mudança das relações complexas da sociedade, e com os meios de comunicação que possibilitam a constante

propagação de informações, “é necessário que a educação desenvolva uma forma adequada para dar conta dessa realidade” (SILVA; BENEDICTIS, 2013, p. 2).

Entretanto, os meios tecnológicos atuais também proporcionam maior diversidade de recursos que podem ser introduzidos nas salas de aula, como apontado por Silva e Cavalcanti (2008), onde é de grande importância que os educadores utilize-os e, assim, possam criar mecanismos para aproximar o cotidiano do aluno com as informações científicas, além de que possibilitem criar um senso crítico sobre as informações que circulam pela mídia (SILVA; CAVALCANTI, 2008). Para isso, é necessário abrir mão das técnicas tradicionais e inovar na prática pedagógica, como descrita por Nunes (2004):

“É muito importante que o professor tenha condições de inovar, criar e propor alternativas de ensino para tentar reverter o quadro de desinteresse dos alunos, uma vez que a escola hoje enfrenta a concorrência direta de outros "meios" (televisão, computadores, vídeo game, Internet, etc.) que atraem muito mais o aluno do que o cotidiano da sala de aula.” (NUNES, 2004, p. 155)

A busca em trazer de volta o empenho dos alunos em sala de aula é um dos objetivos para a mudança dos métodos tradicionais pedagógicos, introduzindo técnicas inovadoras e interativas para conquistar o interesse das crianças e adolescentes. Sendo assim, “o professor deve ser ágil e flexível, sabendo quando e como realizar mudanças que o momento exige [...] para acompanhar as constantes mudanças que ocorrem no espaço globalizado” (NUNES, 2004, p. 155).

Entre os elementos que possam ser introduzidos na prática didática, encontra-se a charge, um recurso didático em potencial, pois abordam temas atuais políticos e sociais de forma crítica e humorística, proporcionando o desenvolvimento intelectual do aluno de forma dinâmica (ROOS; LINDINO, 2013). Outro aspecto que favorece a introdução deste gênero textual, nas ações didáticas, é relacionado ao “fácil acesso e baixo custo, proporcionando a construção do conhecimento geográfico” (MENDES, 2012, p. 98).

Por abordar temas atuais da política e da sociedade, as charges proporcionam a atualização das informações escolares, sendo este um fator importante para a disciplina de geografia que estuda as constantes transformações nas relações sociais. Silva e Benedictis (2013) abordaram sobre a importância das charges para atualizar as informações educacionais e a ligação do conhecimento prévio:

“Esses recursos didáticos aliados ao conteúdo geográfico são capazes de proporcionar ao aluno o entendimento do presente, já que a charge e o cartum retrata questões que estão relacionadas ao conhecimento prévio do aluno, cria-se assim uma ponte entre teoria e prática, entre o conhecimento produzido na sala de aula e o mundo. A charge e o cartum permitem relacionar os conteúdos geográficos com a vivência do aluno, despertando interesse do mesmo pela aprendizagem.” (SILVA; BENEDICTIS, 2013, p. 3)

Vimos, assim, os resultados que podem trazer das charges nas aulas de geografia, favorecendo a aprendizagem significativa ao trazerem para a sala de aula acontecimentos relacionada ao cotidiano do aluno, isto é, às notícias que tenham ouvido na televisão, no rádio, visto na internet, na revista ou jornal, etc. ou até presentes no ambiente de convívio dos mesmos. Ao aproximar o conhecimento científico com os acontecimentos presentes no dia-dia dos educandos, estes passam a se interessar pelas informações trabalhadas, e a participar mais, favorecendo a aprendizagem e evitando as técnicas de memorização.

Mas de que forma as charges podem ser utilizadas para apresentar resultados significativos? É necessário o envolvimento dos alunos e professor nas aulas, e isso ocorre com a possibilidade que a charge proporciona de

“uma discussão científica por meio de informações do espaço vivido, da troca de conhecimento entre discentes e docentes e uma maior reflexão questionadora das condições sociais, ambientais, econômicas e políticas que permeiam as relações sociais.” (SILVA; BENEDICTIS, 2013, p. 6)

Assim, a aprendizagem não deve ser vista como um processo unilateral, mas como uma forma de troca de informações, onde professor e aluno interagem e aprendem. Também percebeu-se que o caminho traçado pelo processo de aprendizagem pode ser seguido pelo prazer, através do senso humorístico presente nas charges, o estímulo a “criatividade, criticidade e riqueza de análise [...], cuja compreensão inclui imagem e texto expresso pela escrita ou subentendido nas imagens” (SILVA; CAVALCANTI, 2008, p. 149), proporcionando uma análise interpretativa do espaço geográfico presente.

Em seu trabalho sobre a utilização das charges como elemento para alfabetização de crianças, Santos e Silva (2012) discorreram sobre o papel da escola no desenvolvimento do raciocínio, opinião, discurso e a criatividade dos alunos, introduzindo esse gênero textual como uma das ferramentas para chegar a este resultado. A escola não deve ser vista como meio de reprodução de conteúdos, mas um ambiente que proporcione ao indivíduo criar sua própria percepção sobre a realidade em que vive (SANTOS; SILVA, 2012).

Mas este papel não se restringe apenas à área de letras ou nos primeiros anos escolares, como também abrange as demais disciplinas, principalmente à Geografia escolar, e deve estar presente durante todo o percurso educacional, proporcionando o desenvolvimento da cidadania. Mas para isso “dependente da disposição dos sujeitos entenderem e agirem nas situações que envolvem valores e posicionamentos” (LESSA, 2007, p. 13), necessita-se que os indivíduos se conscientizem de seus direitos e deveres como cidadãos e desenvolvam a consciência política e social para poderem agir sobre o meio em que vivem, privados da alienação. Porém, não é como se a utilização das charges possam mudar a realidade vivida pelos alunos, mas é uma forma diferenciada e chamativa para incitar o raciocínio e a percepção do meio em que atuam.

Apesar dos fatores positivos na utilização das charges, estas devem ser vistas como uma forma de complementar as aulas, tapar as lacunas presentes na educação escolar, pois, assim como vários outros recursos didáticos presentes nos meios de comunicação, as charges apresentam

“informações que precisam ser aprofundadas e relacionadas ao que se está estudando ou se pretende estudar, pois trazem em seu contexto muitos elementos de Geografia, mas muitas vezes com análise superficial e até mesmo imbuída de determinadas ideologias (indução ao consumismo, à competição, à naturalização das desigualdades sociais, a vários tipos de preconceitos).” (SILVA; CAVALCANTI, 2008, p. 147)

Logo, apesar do uso da charge como recurso didático para inovar as aulas, evitando o constante uso do livro didático, não se deve exagerar em sua utilização, pois as charges se apresentam como recurso complementante/fixador dos temas trabalhados para aproximação da realidade do aluno com o conteúdo científico e estimular o debate, a criatividade, reflexão e criticidade através da análise dos dados visuais e verbais.

E em quais conteúdos podemos introduzir as charges para complementá-las? As charges podem ser utilizadas numa grande diversidade de temas trabalhados em geografia, trazendo temas que perpassam pelo ensino básico, como no estudo de conceitos geográficos como “paisagem, região, espaço, lugar, território, ambiente e natureza [...], desenvolver habilidades e capacidades para se operar com o espaço geográfico [...], temas como globalização, questão urbana, ética ambiental, cartografia, cidadania, diversidade cultural e social, ética social, e outros” (SILVA; CAVALCANTI, 2008, p. 150).

O potencial interativo para as aulas presentes nas charges é possibilitado devido à sua forma de retratar um fato/acometimento. A forma de transmissão de informações nesse gênero textual apresenta sutilezas, críticas, informações explícitas e implícitas sobre determinado acontecimento, permitindo várias explicações dos leitores, pois a compreensão das charges depende diretamente do nível de conhecimento do indivíduo observador sobre determinado assunto abordado, experiências e a capacidade interpretativa. De acordo com Alves, Pereira e Cabral (2013, p. 424), pode-se utilizar desse fator para estimular a interação dos alunos e professor, através da troca de análises. Essa troca de interpretações pode surgir também devido à charge se apresentar mais como “[...] uma forma de protesto e de indignação social aos acontecimentos inerentes à sociedade e à espacialidade geográfica. Ela sugere ainda a necessidade de ir além da objetividade” (ROOS; LINDINO, 2013, p. 99). Sendo assim, não apenas o conhecimento sobre o assunto, mas o ponto de vista de cada indivíduo pode trazer múltiplas análises, estimulando, assim, a interação e discussão do tema entre alunos e professor.

Na pesquisa de Meireles e Vilar (2013), utilizou-se as charges como forma de revisão e avaliação do tema trabalhado em sala, enquanto que o aspecto de múltipla interpretação deste recurso textual foi introduzida em seu trabalho didático, permitindo que os alunos analisassem individualmente uma charge e, em seguida, abriu espaço para que os mesmos exponham seus pontos de vista para os demais alunos, permitindo a troca de conhecimentos. Já na metodologia de Alves, Pereira e Cabral (2013), foi dividido a classe em duplas, distribuindo uma folha contendo as charges, para cada aluno, permitindo que interpretassem e discorressem sobre as ideias extraídas das mesmas. Em seguida, permitiu que durante a aula os alunos tirassem suas dúvidas de forma coletiva. Percebeu-se que em ambas as técnicas de ensino utilizando as charges aproveitaram-se das múltiplas interpretações que possam ser obtidas pelas análises das ilustrações.

A introdução das charges em sala, não só pode trazer resultados imediatos sobre o desempenho das aulas, mas “diminuir os índices de evasão e repetências entre os alunos e estimular os professores a modificar sua prática pedagógica com o objetivo de modificar o papel passivo do aluno (mero receptor de conhecimentos)” (LESSA, 2007, p. 14). De acordo com a pesquisa do CPS – Centro de Políticas Sociais, entre os motivos para a evasão escolar em 2006, 40,2% dos indivíduos

pesquisados apontaram para a falta de interesse em estudar, seguido pela falta de renda (27%), pela oferta (10,8%) e demais motivos (NERI, 2009).

Mas quais seriam os agentes que desestimulam estes adolescentes ao ponto de evadirem da escola por falta de interesse? Na pesquisa, aponta-se que os principais motivos são a falta de “incentivos, informações e participação” (NERI, 2009, p. 17). Percebeu-se, assim, que estes fatores podem estar diretamente ligados com o âmbito escolar, econômico, familiar e/ou cultural, não dependendo somente da escola para erradicar a evasão. Porém, o desenvolvimento de métodos educativos interativos, como as charges, pode motivar a permanência de parte desses estudantes, incentivados pela educação de qualidade e significativa.

Com relação específica à disciplina de Geografia, as charges apresentam-se, de forma geral, como um aliado na prática educativa, pois facilita o papel da Geografia em permitir aos alunos terem visão sobre os acontecimentos presentes em seu cotidiano, de forma reflexiva, assim como

[...] abre-se para um campo de visibilidade e análise muito mais extenso, cogitando e compreendendo as várias esferas ou situações que se articulam na realidade socioespacial. Entende-se a significância da charge no ensino de Geografia, pois permite e instiga os alunos a abrirem as suas mentes para uma maior interpretação do universo.” (ROOS; LINDINHO, 2013, p. 101)

Deste modo, facilita-se a compreensão das complexidades presentes no espaço geográfico, abordando as várias relações políticas, sociais, econômicas e ambientais presentes no espaço. Mas o professor deve dar ênfase aos acontecimentos de âmbito local à regional, para que, assim, através da utilização das charges, facilite “a apreensão dos conteúdos discutidos na sala de aula, pois, a partir da visualização de elementos expressos cotidianamente, amplia a discussão com certo rigor científico” (ROOS; LINDINO, 2013).

3.3.1 Alguns obstáculos no uso das charges

A busca de projetos e trabalhos didáticos que analisassem o potencial das charges como ferramenta educacional, para a realização da presente pesquisa,

mostrou-se dificultosa, pois a disponibilidade de tais referências é escassa. Esse fato já havia sido questionado por Lessa (2007):

“Verifica-se, a partir de várias leituras, que um dos motivos para o pouco uso das charges em sala de aula esteja no fato destas terem sido, ou talvez, ainda serem, tratadas como subliteratura por tantos educadores, que parecem partilhar de um conceito equivocado de que estas poderiam afastar crianças e jovens de leituras “mais profundas”, desviando-os assim de um amadurecimento “sadio e responsável” no que se refere à formação do leitor.” (LESSA, 2007, p. 7)

Com esta análise, percebeu-se a ideia discriminatória com relação às charges em sala de aula por parte de agentes educadores, por ser vista como uma leitura superficial e prejudicial ao enriquecimento intelectual. Mas, como já mencionado anteriormente, para que haja a compreensão das charges de forma significativa, extraindo o máximo de informações que esta possa trazer em suas ilustrações e diálogos, é necessária a contextualização sobre o tema. Sendo assim, as charges devem ser empregadas para complementar e fixar as informações trabalhadas. Contudo, vimos que as charges, como recurso didático, tem se propagado lentamente pelo âmbito escolar e científico, já que trabalhos de datações recentes foram utilizados nesta pesquisa, refletindo a busca pelos benefícios que possam trazer na prática educativa.

Entretanto, apesar do objetivo do uso das charges serem como um facilitador para o ensino de geografia e demais disciplinas, deve-se levar em consideração que tais recursos visuais podem trazer informações com duplo sentido, argumentos irônicos, que podem servir como barreira para a compreensão da mensagem transmitida (SILVA, CAVALCANTI, 2008), assim como, “existem muitas charges e tiras depreciatórias e impróprias para finalidades educacionais” (ALVES; PEREIRA; CABRAL, 2013). É necessário selecionar os recursos utilizados em sala de acordo com os

“[...] objetivos propostos, aos conceitos e conteúdos a ser trabalhados, ao encaminhamento do trabalho desenvolvido pelo professor em sala de aula e às características da turma, do ponto de vista das representações que trazem para o interior da sala de aula.” (MEIRELES; VILAR, 2013, p. 3)

Conseqüentemente, a utilização da charge deve ser nivelada de acordo com o conhecimento dos alunos. Então, antes de sua utilização em sala de aula, o professor deve ter em mente se o aluno tem conhecimento ou não do acontecimento abordado pela charge, caso contrário, os mesmos não compreenderiam. Em

resumo, a melhor utilização desse recurso é como complemento para o tema trabalhado, articulando com o conteúdo escrito, e estimulando o senso crítico dos alunos de forma dinâmica.

Um trabalho encontrado para exemplificar os diferentes resultados que possam apresentar a introdução de gêneros textuais nas aulas, de acordo com o perfil dos alunos, é o realizado por Mendes (2012), onde utilizou-se as mesmas charges para trabalhar com turmas de duas escolas em Minas Gerais, no ano de 2009. Algumas charges empregadas foram as seguintes:



Figura 1 – Charge sobre a crise econômica no Japão

Fonte: Mendes, 2012, p. 96.



Figura 2 – Charge sobre o desmatamento no Brasil

Fonte: DukeChargista, 2008.



Figura 3 – Charge sobre as queimadas na Floresta Amazônica

Fonte: DukeChargista, 2008.

Os temas apresentados foram relacionados à

“Geografia do Brasil sobre questões da crise econômica no ano de 2009, atividades econômicas brasileiras, escassez dos recursos da biodiversidade, desmatamento, empobrecimento do solo e problemas populacionais no Brasil.” (MENDES, 2012, p. 95)

Na análise das respostas obtidas, percebeu-se que em uma das escolas, as respostas foram mais “profundas”, no quesito de apresentar um embasamento teórico. Já na segunda escola, as respostas se mostraram superficiais, sendo pouco satisfatórias. O autor relatou que este resultado trata-se da consequência de um reflexo da falta de “contextualização dos fatos relatados nas sequências aplicadas” (MENDES, 2012, p. 98-99), sendo assim, os alunos discorreram baseados principalmente no senso comum, isto é, nas informações que haviam absorvido do cotidiano.

Esses conhecimentos do dia-a-dia podem ser observados na análise das charges 1, 2 e 3, retiradas da pesquisa de Mendes (2012), ao abordarem temas propagados pelos meios de comunicação e símbolos populares. Como exemplo, na charge 3, é exposto sobre o desmatamento ilegal presente na floresta Amazônica ao utilizar o mapa do Brasil e de uma frase corriqueira: “Queima de estoque”, frequentemente presente em lojas, supermercados, na televisão, rádio, etc., mas que indica, nesta ilustração, a queima ou a venda da floresta de forma rápida e barata aos seus compradores. Já na charge 1 utilizou-se de elementos do conhecimento popular, como o Godzilla com um cinturão escrito “crise” para representar o Japão e a crise econômica mundial que interferiu em sua economia, junto de um brasileiro para lutarem boxe, representando a batalha dos trabalhadores brasileiros que tentavam se manter no país durante esse período marcado pelo aumento do desemprego e diminuição das remunerações. Porém, os meios de comunicação esboçam informações muitas vezes fragmentadas, necessitando de aprofundamento e embasamento teórico nas aulas para uma maior amplitude sobre os temas apresentados nas charges.

Outros fatores que acarretaram na diferenciação da qualidade das respostas apresentadas pelos alunos

“[...] foram quanto ao nível das exigências feitas pelos professores de Geografia ao ministrarem suas aulas até aos instrumentos de avaliações aplicados, ao comprometimento dos estudantes com os conteúdos da disciplina e principalmente o respeito pelas normas disciplinares que regem o interior das escolas estudadas.” (MENDES, 2012, p. 99)

Desse modo, são muitos os fatores que interferem no bom desenvolvimento das aulas e aproveitamento de determinada ferramenta didática, sendo as charges ou demais recursos. Além do nível de interesse dos alunos em relação ao tema, também é necessário que o professor exerça seu papel educativo de qualidade e

utilize e/ou disponha de recursos didáticos, pois, o trabalho educativo não se concretiza com a ação unilateral de seus agentes. Mendes (2012) finaliza seu projeto considerando

“[...] que os limites na leitura das charges são expressos quando o estudante tem dificuldade em interpretar os fenômenos retratados, compreender as transformações no espaço geográfico, ou seja, não entender a crítica expressa na mesma.” (MENDES, 2012, p. 99)

Com isto, para sanar estas dificuldades, é necessário o trabalho interpretativo constante por parte dos alunos e a obtenção de novas informações, seja em âmbito escolar e/ou no cotidiano através dos meios de comunicação. Assim como, o professor deve sempre estimular trabalhos interpretativos e a troca de informações entre docentes e discentes.

O livro didático, sendo o norteador da ação educacional, também podem apresentar algumas charges dispostas ao longo de suas páginas. De acordo com a pesquisa de Almeida (2013) sobre um livro didático de geografia de ensino médio disponível na rede pública, das 197 páginas, foram contabilizadas 296 imagens (envolvendo fotografia, mapas, gráficos, tabelas, pinturas, etc.). Apesar da grande utilização de elementos visuais, apresentava-se apenas 8 charges, demonstrando como esse elemento é escasso no livro didático, necessitando que os professores busquem por esse recurso para a complementação de suas aulas. Embora pouco presente, as charges são utilizadas de forma à complementar o conteúdo e/ou apresentar como forma avaliativa através de atividades relacionadas a ela e os textos pertinentes. Isto é, na pesquisa de Almeida (2011)

“[...] seis delas estão acompanhadas de algum tipo de atividade, algumas sugerem a sua interpretação, outras possuem duas ou três perguntas referente ao conteúdo, outras pedem para descrevê-la e apresentam certa coerência com relação ao conteúdo que está sendo tratado na unidade. Duas delas, porém, tem caráter ilustrativos, que reforçam aquilo que está escrito no texto [,] mas não sugere nenhuma atividade de discussão.” (ALMEIDA, 2011, p. 91)

Assim, apesar da quantidade inferior de charges presentes especificamente no livro trabalhado, – mas que nos traz uma visão geral da presença de charges nos demais livros distribuídos na rede pública de ensino – este gênero textual tem sido aproveitado na complementação do ensino, diferente de muitas imagens ilustrativas presentes no mesmo livro que não possuía ligações com os textos ou eram pouco atraentes, sendo muitas vezes ignoradas no processo educativo.

Outro obstáculo apresentado por Meireles e Vilar (2013) é com relação ao tempo disponível para os professores prepararem suas aulas com o uso de novos recursos para complementá-la. Isto é, muitos professores não dispõem desse tempo, o que desfavorece a utilização de charges e demais recursos, se prendendo apenas em uma ferramenta, ou seja, no livro didático. Além da falta de tempo para dedicar ao planejamento, também foi apontado a falta de conhecimento sobre o manuseio de recursos tecnológicos, como o data show e o computador, geralmente presente com os profissionais da educação mais velhos. Desta forma, é necessário diminuir a carga horária dos professores para que possam se ocupar na busca de novos recursos didáticos, além da necessidade de se qualificarem para tentarem acompanhar as mudanças presentes no cenário educacional e social. Caso contrário, a educação tenderá a decair em seu rendimento (MEIRELES; VILAR, 2013).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as mudanças rápidas na cultura e tecnologia, é necessário mudanças nos métodos educacionais, objetivando atrair a atenção dos alunos que se prendem cada vez mais com as novas tecnologias e o entretenimento de aspecto fútil. Percebe-se, muitas vezes, a dificuldade de concentração dos alunos nas aulas, e é por esse motivo que o professor necessita de técnicas que tragam suas mentes de volta para a sala de aula, estimule sua interação e propicie a concretização da aprendizagem.

Como abordado neste projeto, a disciplina de geografia exibe grande diversidade de métodos interativos e ilustrativos que possam ser introduzidos nas aulas para dinamizar e complementar os temas trabalhados, facilitando a aprendizagem. Então, retomando os objetivos apresentados nesta monografia, quais as contribuições foram encontradas na utilização das charges no ensino da disciplina de Geografia? A charge se apresentou como recurso em potencial para enriquecer a ação docente, estando em fácil alcance no meio virtual e em jornais. Assim, as charges são utilizadas de forma à complementar as aulas, facilitando a compreensão do tema trabalhado, estimulando o senso crítico de forma humorada e interativa. Pelas turmas da rede estadual de educação serem constituídas normalmente por um número relativamente alto de estudantes, com características distintas, muitas vezes não conseguem aprender quando o professor usa apenas um método didático. Já com as charges, o professor pode incitar a interação entre os alunos, na troca de conhecimento através do aspecto interpretativo que trazem suas ilustrações, pois, como abordado, as charges proporcionam múltiplas leituras de acordo com o conhecimento prévio dos indivíduos sobre o assunto tratado.

Entretanto, quais aspectos devem ser levados em consideração na escolha das charges a serem utilizadas? Para que o uso das charges tragam resultados positivos na prática educativa, é necessário que o professor tenha em mente os objetivos a serem alcançados, as informações apresentadas nas ilustrações, e o perfil de seus alunos, pois determinadas charges podem apresentar mensagens subliminares e níveis de interpretação superiores daquelas albergadas pelos estudantes.

E quais seriam as limitações apresentadas pelo uso de tal recurso didático? É importante que as charges sejam introduzidas para complementar a aprendizagem, isto é, sendo empregadas após o estudo de determinado tema para fixação do conhecimento, trazendo o tema trabalhado para mais próximo da realidade dos alunos, pois, seria de difícil compreensão pelo leitor da mensagem transmitida pela ilustração se o mesmo não tiver conhecimento suficiente para interpretá-las. Sendo assim, é pouco viável a introdução das charges como primeiro plano na inicialização de um novo tema.

E a última problemática proposta foi: quais possíveis obstáculos são apresentados para que esse recurso tenha pouco espaço em sala de aula? Apesar das charges terem se propagado pela internet, e obtido novos usuários de diferentes idades, ainda apresenta certa resistência na sua adoção no meio educacional, seja por falta de capacitação dos profissionais da educação para o manuseio de recursos tecnológicos atuais; ou pelo enraizamento de técnicas tradicionais; a falta de tempo para o preparo de novas dinâmicas – já que o professor necessita de tempo para planejar a aula, pesquisar e selecionar as charges mais adequadas–; ou por alguns professores verem as charges como sublitteratura, acreditando que possuem informações insuficientes em suas ilustrações e/ou diálogos para o bom andamento da aula; entre outros fatores.

Finalizando, percebe-se que os trabalhos publicados sobre esse tema são relativamente poucos, dificultando a obtenção de novas informações, além da maioria das publicações serem recentes. Porém, é inerente a necessidade de mudanças no meio educacional para alcançar o perfil dos alunos atuais. Desta forma, é sempre recomendado diversificar e criar novos métodos didáticos para sanar as fraquezas do sistema educacional, sendo as charges uma dessas alternativas disponíveis.

REFERÊNCIAS

ALEGRO, Regina Célia. **Conhecimento Prévio e Aprendizagem Significativa de Conceitos Históricos no Ensino Médio**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2008. Disponível em: <<http://www.acervo.epsjv.fiocruz.br/beb/textocompleto/TEXTOSINSERIR/ALEGRO.pdf>>. Acesso em: 26. Ago. 2014.

ALMEIDA, Renata Maria de. **Imagens do livro didático de Geografia: representações do espaço geográfico**. Uberlândia: Revista de Ensino de Geografia, 2013, V. 4, n. 6. Disponível em: <<http://www.revistaensinogeografia.ig.ufu.br/N.6/Art5v4n6.pdf>>. Acesso em: 20. Maio. 2014.

ALVES, Telma Lucia Bezerra; PEREIRA, Suellen Silva; CABRAL, Laíse do nascimento. **A utilização de charges e tiras humorísticas como recurso didático-pedagógico mobilizador no processo de ensino-aprendizagem da Geografia**. Santa Maria: Educação, 2013, v. 38, n. 2. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/1171/117127493015.pdf>>. Acesso em: 20 maio. 2014.

ARRIGONI, Mariana de Mello. **Debatendo os conceitos de Caricatura, Charge e Cartum**. Encontro Nacional de Estudos da Imagem, 3. Londrina, 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais2011/trabalhos/pdf/Mariana%20de%20Mello%20Arrigoni.pdf>>. Acesso em 13. Jan. 2014.

BETIATI, Rosemeire Aparecida Garcia. **Charge e Cartum: o humor em sala de aula**. Maringá, 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/943-2.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2014.

DAMBROS, Gabriela; CASSOL, Roberto. **Aprendizagem significativa em Geografia: reflexões sobre a utilização de tecnologias da informação e comunicação no contexto escolar**. Rio Grande do Sul: Unifra - Simpósio de Ensino, Pesquisa e Extensão, 15. 2011. Disponível em: <<http://www.unifra.br/eventos/sepe2011/Trabalhos/1243.pdf>>. Acesso em: 22. Ago. 2014.

DUKECHARGISTA. 2008-2014. Apresenta charges e outras formas ilustrativas de temas diversos da atualidade. Disponível em: <<http://dukechargista.com.br/>>. Acesso em: 22. Ago. 2014.

LESSA, David Perdigão. **O gênero textual charge e sua aplicabilidade em sala de aula.** Sergipe: Travessias, 2007. N. 1. Disponível em: <http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/travessias/ed_001/language_m/O%20G%20CANERO%20TEXTUAL%20CHARGE%20E%20SUA.pdf>. Acesso em: 29. Jun. 2014.

MEIRELES, Patrícia Soares de; VILAR, Maria Juliana Leopoldino. **A utilização de Charges como recurso didático no ensino da Geografia.** Campina Grande: Encontro de Iniciação à Docência da UEPB, 2013, v. 1. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/eniduepb/trabalhos/Modalidade_6datahora_01_10_2013_18_04_31_idinscrito_378_f2e53b172981b1bbd7875c1627f074ff.pdf>. Acesso em: 20 maio. 2014.

MENDES, Francielle de França; FONSECA, Gildete Soares. **Ensino de Geografia: Limites e possibilidades na utilização de charges.** Barra do Graças: Revista Eletrônica Deoaraguaia, 2012, V. 2, n. 1. Acesso em: 20 maio. 2014. Disponível em: <<http://revistas.cua.ufmt.br/index.php/geoaraguaia/article/download/323/37>>.

NERI, Marcelo Côrtes (coordenação). **O Tempo de Permanência na Escola e as Motivações dos Sem-Escola.** Rio de Janeiro: FGV/IBRE, CPS, 2009. Disponível em: <<http://www.cps.fgv.br/cps/tpemotivos/>>. Acesso em: 16 ago. 2014.

NUNES, Adão Cícero Ferreira. **As dificuldades de ensinar Geografia.** Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2004, v. 13. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/6796>>. Acesso em: 29. Jun. 2014.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. **Sentidos da Geografia Escolar.** Fortaleza: Edições UFC, 2009.

PONTES NETO, José. A. da S. **Sobre a aprendizagem significativa na escola.** MARTINS, E. J. S. et. al. Diferentes faces da educação. São Paulo: Arte & Ciência Villipress, 2001, p. 13-37.

REGO, Nelson et al. **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio.** Porto Alegre: Penso, 2011.

ROOS, Djeovani; LINDINO, Terezinha Corrêa. **Especializando reflexões sobre a Geografia escolar: o uso de charge como elemento norteador de análise.** Mato Grosso do Sul: Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros, 2013. Disponível em: <<http://www.cptl.ufms.br/geo/revista-geo/Revista/Revista18/4.pdf>>. Acesso em: 13. Jan. 2014.

SANTOS, Giane Furquim dos; SILVA, Stella de Mello Silva. Novo contexto em alfabetização: a charge como instrumento alfabetizador. ELIEL, Unglaub (org.). Desafios metodológicos do ensino. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2012.

SECRETARIA Municipal de Educação. **Referencial de expectativas para o desenvolvimento da competência leitora e escrita no ciclo II: caderno de orientação didática de Geografia.** São Paulo: SWE/DOT, 2006.

SELBACH, Jeferson Francisco. **Caderno de Pesquisa: textos e charges selecionados do Jornal do Povo, de 1929 a 2001.** São Luiz/MA: Ed. Do Autor, 2008.

SILVA, Eunice Isaias da; CAVALCANTI, Lana de Souza. **A mediação do ensino-aprendizagem de geografia, por charges, cartuns e tiras de quadrinhos.** Goiás: Boletim Goiano de Geografia, 2008. V. 28, n. 2. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/bgg/article/view/5729/4531>>. Acesso em: 13 fev. 2014.

SILVA, Maria do Socorro Ferreira da; SILVA, Edimilson Gómes da. **Laboratório de Ensino em Geografia.** Sergipe: Cesad, 2010. Disponível em: <http://www.geoplan.net.br/material_didatico/Laborat%C3%B3rio%20de%20Ensino%20em%20Geografia.pdf>. Acesso em: 28. Jun. 2014.

SILVA, Taís Pires da; BENEDICTIS, Nerêida M^a Santos Mafra. **A Charge e o Cartum como recurso didático no processo de ensino-aprendizagem de Geografia.** Peru: Encontro de Geógrafos de América Latina, 2013. Disponível em: <http://www.egal2013.pe/wp-content/uploads/2013/07/Tra_Ta%C3%ADs-Pires-da-Silva-Ner%C3%AAida-Santos-Mafra-Benedictis.pdf>. Acesso em: 20 maio 2014.

STRAFORINI, Rafael. **Ensinar Geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais.** São Paulo: Annablume, 2006.